

RTP 531p

AGOSTINHO DA SILVA

BREVE ENSAIO
SÔBRE PÉRSIO



Lisboa — 1929

531p

RTP

Bibliothèque Maison de l'Orient



130313

RTp 531p

AGOSTINHO DA SILVA

Breve Ensaio
sôbre
Pérsio



À Mr. Salomon Reinach,
au Maître.

respectueux hommages de
Agostinho da Silva

Lisboa — 1929



————— 1929 —————
TIPOG. DA COOPERATIVA MILITAR
— Rua Eugenio dos Santos —
————— LISBOA —————

Dentre todos os escritores latinos é Pérsio um daqueles sobre que menos estão de acôrdo os criticos. Ao passo que alguns lhe atribuem qualidades elevadas e sem dificuldades o colocam entre os grandes poetas, outros, pelo contrário, nada mais vêem nele do que um versejador que se entreteve a metrificar velhos temas de escola, sob o olhar cui-

BIBLIOGRAFIA — Textos : Pérsio, *Satirae* ; Lucilio, *Carminum reliquiae* ; Horácio, *Sermones* ; Juvenal, *Satirae* ; Tácito, *Annales* ; *Dialogus de oratoribus* ; Quintiliano, *Institutio Oratoria* ; Petrónio, *Satiricon* ; Séneca, *Suasoriae et Controversiae* ; Plínio, *Epistolae* ; Marcial, *Epigrammata* ; Suetónio, *De grammaticis* ; *Vitae duodecim Caesarum* : St.º Agostinho, *De ciuitate Dei* ; *Stoicorum ueterum fragmenta*, ed. J. Arnim ; Plató, *Alcibiades II* —

LITERATURA : Villeneuve, *Essai sur Perse*, Paris, 1918 ; G. Boissier, *L'opposition sous les Césars*, F. Plessis, *La poésie latine*, Paris, 1909 ; C. Martha, *Les moralistes sous l'empire romain*, Paris, 1872 ; D. Nisard, *Études sur les poètes latins de la décadence*, Paris, 1849 ; Bréhier, *Chrysippe*, Paris, 1910 ; L. Robin, *La pensée grecque*, Paris, 1927 ; L. Homo, *Les institutions politiques romaines*, Paris, 1927 ; Haguenin, *Perse a-t-il attaqué Néron ?* in *Rev. de Philologie*, XXIII, p. 301 ; F. Cumont, *Les religions orientales dans le paganisme romain*, Paris, 1907 ; Agostinho da Silva, *Sentido histórico das civilizações clássicas*, Porto, 1929.

dadoso do seu mestre, as opiniões sobre Pérsio oscilam assim entre dois excessos — o de se lhe conceder a corôa dum dos melhores satíricos latinos e o de se lhe negar as qualidades que indubitavelmente possui.

A razão de ser de tal incerteza da crítica provém da dificuldade que á leitura oferecem os versos de Pérsio: só com um bom comentário e o hábito de deslindar textos e pensamentos pouco claros se pode romper pela selva intrincada que representa o pequeno livro do satírico; mesmo assim, é frequentemente incerta a interpretação de muitas passagens e ainda hoje algumas delas esperam uma resolução definitiva.

De modo que, para Pérsio, a crítica está em função do trabalho que dá o seu estudo; os que, socorrendo-se de glossas, escólios, comentários, conseguem obter para os trechos difíceis sentido satisfatório, como que se mostram reconhecidos ao poeta que lhes permitiu mostrar a sua erudição paciente; os outros, que, no estudo da sátira, vinham acostumados á clara facilidade de Horácio e das conversações (*Sermones*) familiares em que o poeta se sorri dos seus contemporâneos — ao encontrarem os hexâmetros obscuros e severos de Pérsio, as indignadas diatribes contra o vicio, leem-no apenas de leve, não se demoram sobre cada verso, e não hesitam em lavrar juízo condenatório.

Assim, o que em Pérsio é para uns qualidade eminente e digna de louvor, para outros não passa de defeito indesculpável; e, destes últimos, se há quem veja na mocidade de Pérsio a razão da pequena valia dos seus versos, há também quem sustente que, por muito larga que fôsse a sua vida, nunca deixaria de ser apenas um verzejador estoico, cheio das máximas do Pórtico e de irritantes propósitos de moralizador.

Quanto á forma, põem os primeiros em relêvo a energia, a conção do estilo de Pérsio, o realismo com que nos são descritas algumas scenas, a observação atenta que mostram muitos dos seus versos; é um estilo novo na literatura latina e sobretudo na sátira, nem a linguagem ainda hesitante de Lucílio, nem a forma clara, luminosa, perfeita, de Horácio; há como que um compromisso entre as duas, uma aliança feliz da severidade que á invectiva emprestava o latim do século II a. C. com a mestria e domínio de linguagem que Horácio possuía.

Os versos cãem como chicotadas vigorosas e repetidas; não se reflectem no vocabulário, na amplidão oratória do período, o desejo de largo combate que encontramos em Lucílio, o que *secuit totam urbem*, nem, na graciosidade das palavras e no andamento harmonioso da frase, o sorriso epicurista de Horácio, o cuidado que tinha em não magoar demasiado os adversários para que, por

muito tempo, pudessem divertir o círculo de Mecenas.

Em Pérsio nunca é de mais louvar a parcimônia de palavras, a escolha do vocábulo que vale uma frase inteira, o termo justo que perfeitamente define o objectivo do poeta, a forma lacónica que obriga a pensar.

Com que verdade transportou Pérsio para as suas sátiras a vida de Roma do seu tempo! E os admiradores de Pérsio extasiavam-se deante da descrição da leitura pública, do recorte realista do centurião, do glutão, do avaro, do indolente, de tôdas as figuras das sátiras, da crítica viva ás práticas religiosas, á literatura efeminada da época; no mais pequeno pormenor soube o poeta fazer palpitar a vida e revelar a observação atenta da realidade, demonstrar que não é apenas um aluno aplicado que faz as suas composições segundo os bons preceitos de retórica.

Este entusiasmo encontra-se perfeitamente contrabalançado pela pouca conta em que outros têm os versos de Pérsio; repelidos pela linguagem obscura do poeta, é sobre ela que começam por se exercer o seu desprezo e o seu "odium criticum"; é indesculpável que, depois de Horácio, e tendo, como já demonstrou um alemão erudito, uma forte leitura dos *Sermones*, êle fôsse crear estilo tão impenetrável e tão cheio de dificuldades, apenas para dizer os preceitos que repetiam todos os

adeptos do estoicismo, O laconismo de Pérsio não existe por vontade do poeta, mas pela mais deplorável falta de imaginação; não se queira ver uma nova idéa de arte e uma nova concepção de beleza naquilo que era apenas escassez de espírito e inability para compreensão do verdadeiramente belo.

Pérsio é um sêco poeta que secamente repete as doutrinas ensinadas e faz sátira como poderia fazer tragédias ou não fazer mesmo coisa alguma; tudo quanto o hexâmetro latino podia ter de harmonia êle vai destruindo com a sua expressão rebuscada, os seus barbarismos que maculam e afeiam a boa lingua clássica.

Pelo que diz respeito ao realismo — ¡ pobre realismo o de Pérsio ¡ Era um realismo que podia encontrar nos seus livros e saber das suas conversas com os amigos, um realismo que, a muito concedermos, nada mais é que a cópia fotográfica da realidade; e mesmo a sua leitura pública é, com variação de trajos e de assunto, certas conferências de todos os tempos e de todos os países: nada que fixe a descrição em Roma e na Roma da época de Pérsio; tudo é vago, mal desenhado, sem a larga corrente de vida que anima as sátiras de Horácio, sem o forte sôpro realista que faz mover todos os seus tipos.

Como os meninos que se entretêm ganhando batalhas com soldados de chumbo, Pérsio tinha a sua caixinha de figuras satíricas e ia-as buscar

segundo as necessidades de momento; elas lá estavam já prontas, com tudo o que as podia caracterizar: o avarento roía a sua cebola e despejava, gemendo, o vinho já azedo, o centurião *hircosus* falava brutalmente dos filósofos, o poeta, revestido da toga branca e bem calamistrado, garganteava os seus versos. Depois, só havia o trabalho de os enredar numa bôa dissertação estoica — e êles aí estavam tentadores, os livros de Cleanto e de Crisipo, as cópias feitas por Cornuto dos trechos preferidos.

As características essenciais de Pérsio são, para estes críticos, a falta de originalidade, por um lado, por outro lado, a tendência para estragar tudo aquilo em que tocava. Na sátira latina havia, como elemento interessante e animador da acção, o diálogo, herança da *satura* primitiva; Pérsio não deixa de o empregar na sua obra, mas com que inabilidade, ¡ deuses imortais!, com que falta de tacto e de relêvo; os interlocutores não têm personalidade, podem ser romanos ou gregos ou bárbaros, plebeus ou patrícios; e os comentadores não sabem algumas vezes se tal passagem das sátiras é diálogo ou não, se o poeta fala consigo próprio ou com outrem.

Podia, no entanto, Pérsio ter uma forma que fôsse artisticamente inferior, uma obscuridade que se não deixasse penetrar ~~se~~ não depois de grande trabalho — mas serem todos estes defeitos com-

pensados pelos assuntos que as sátiras versassem : nem sequer, porém, isso acontece. Pérsio apenas põe em verso os temas gerais do Pórtico, o que andava nos inúmeros livros de Crisipo e de todos os estoicos — a liberdade humana, o dominio das paixões, a condenação das artes e do luxo, a concepção religiosa . . .

Concedamos que assim seja, que Pérsio nada mais foi que um poeta estoico e que nos seus versos há, não as idéas por êle próprio elaboradas, mas somente as que lhe tinham sido ensinadas; vejamos nós a importância que tal facto tem e como Pérsio é um dos escritores latinos que mais merece um estudo atento.

* * •

Pérsio viveu numa época muito diferente daquela em que se desenvolveu o talento de Horácio ; ao passo que êste, depois da batalha de A'cio, firmada a paz romana por Augusto, se encontrava num ambiente de liberdade real e não da liberdade nominal dos últimos tempos da república e se podia, sem outras preocupações, entregar ao culto da sua arte — Pérsio, cuja existência se estende pelos três últimos anos de Tibério e pelos principados de Calígula, Cláudio e de Nero, viveu numa das épocas da história romana menos propícia ao trabalho das letras,

Um tinha deante de si uma sociedade amável,

cansada das guerras civis e que procurava sobretudo divertir-se, era protegido por um imperador que, embora tendo desfruido o espírito da organização republicana, soubera com uma admirável habilidade política, encontrar a fórmula que permitia a Roma reger convenientemente o seu grande império e procurava fazer em sua volta a união de todos os romanos, esquecendo os episódios da guerra, acolhendo igualmente bem os seus adeptos e os que se tinham batido por Pompeio e pela república.

A vida corria-lhe fácil e tranquila, em Roma ou no domínio de Tibur, compondo os seus sáficos ou os seus hexâmetros, bebendo á sombra das árvores o velho Falerno. Nenhuma preocupação política o vinha perturbar e os vícios, se naturalmente existiam em Roma, ainda se não tinham sentado na cadeira imperatória; sorriam ao poeta Lálage e as Musas, Augusto com liberalidade dispensava-lhe os seus favores.

Com Pérsio sucede exactamente o contrário; nasce no tempo de Tibério, nos anos de Capreia, quando o imperador, aniquilado E'lio Sejano, se tornara desconfiado e feroz; vê tôdas as loucuras, tôdas as abjecções de Calígula, a imbecilidade de Cláudio, a crueldade e as manias literárias de Nero; a sociedade apresenta-se-lhe corrupta, cheia de vícios, tôda a população de Roma é como uma grande onda de lama que desce espadanando do Palatino e penetra até as ruelas de Suburra; caracter,

coragem, bom gosto, todo se afunda no turbilhão — só os estoicos resistem á corrente geral, severos e tristes.

A épocas diferentes necessariamente devem corresponder idéas e estilos diferentes; não se compreenderia que Pérsio pensasse e escrevesse como Horácio; então, seria, na verdade, um imitador e um imitador servil, sem talento nem originalidade; mas Pérsio substitue o epicurismo de Horácio pelo estoicismo ascético, a fórmula graciosa, filha dos Jogos e dos Risos, por aquela que mais se casava com as idéas expostas. E não queiramos mal a Pérsio por não ter uma filosofia sua — ¿ qual o poeta latino que o fêz? — ou por não seguir á risca os cânones horacianos; procuremos compreendê-lo dentro da sua época e em logar da tarefa facil de o deprimir, sem acaso o ler, ponhamos em destaque o seu valor,

Não temos evidentemente que tratar dum grande poeta; é um poeta nem melhor nem pior de que quasi todos os outros. A sua forma tem o mérito de ser original na escolha de palavras e no recorte do período; já não é a latinidade pura e os que lhe applicam a gramática de Cícero ou de Vergílio e lhe contam conscienciosamente os erros de syntaxe mostram não ter uma idéa muito exacta do que seja a evolução da lingua; mas é o estilo que convém a um estoico na época em que a virtude, *virtus*, fôrça de alma, parecia contemporânea dos

romanos primitivos, na época em que o latim, passada a serenidade vocabular e sintática de Vergílio, acolhia as palavras e as construções bárbaras, como no mundo elegante de Roma e nas legiões que guardavam o império iam penetrando e fixando-se os Espanhois, os Gauleses, os Africanos. Visto por uma gramática estática, feita para delícia das boas memórias, Pérsio está errado; visto historicamente e através das suas idéas, Pérsio é, dos poetas da sua época, o único que está certo.

A versificação tinha também, naturalmente, de se transformar; e é Pérsio ainda o que pratica essa transformação; a uma época tranqüila, pacífica, sem uma revolta no fundo de cada alma honesta, convinha o hexâmetro que fixaram Vergílio, Horácio, Tibulo, Propércio, equilibrado, pelo equilíbrio do ambiente, harmonioso, pela harmonia que envolvia os poetas; ao tempo de Pérsio, em que êsse equilíbrio e essa harmonia tinham desaparecido, em que a sociedade se exprimia por choque de ângulos e não por um girar plácido de esferas, estava adequado o hexâmetro que o poeta empregou, quebrado, todo em segmentos rectos, quási sem uma ampla e serena curva.

Na falta de caracterização dos interlocutores dos diálogos há, não um defeito, mas uma qualidade; com Augusto, numa sociedade uniformizada, os tipos, as figuras que a sátira alvejava, destacavam-se nitidamente com os seus defeitos e as suas qua-

lidades; ¿acontece o mesmo sob Calígula ou Nero? Evidentemente que não; num mesmo indivíduo há defeitos e qualidades que se entrecrocão, aparecem, fogem, sem possibilidade de se dizer o que domina, o que se torna seu característico; Séneca aconselha nos seus livros que se desprezem as riquezas e é banqueiro, Burro aplaude a literatura de Nero, Lucano denuncia a mãe e morre heroicamente, recitando versos da *Farsália*.

¿Como apresentaria, pois, Pérsio as suas personagens bem definidas, bem nítidas, sem contrações e sem nebulosidades? Além disso, ao passo que Horácio, mais preso às realidades terrenas, lida sempre com *peçoas*, com Crispino, Trebácio, Ofelo, Pérsio lida a maior parte das vezes com *idêas*; e do esquecimento desta circunstância veio apontar-se como defeito de Pérsio que em algumas passagens se não sabe se o poeta fala com os outros ou consigo próprio; | que lhe importava! o necessário era estabelecer o paralelo e a discussão entre as duas fôrmas de pensar: e, para comodidade de expressão, dialogou, pouco lhe interessando fizar o nome e as características do interlocutor:

Quisquis es, o modo quem ex aduerso dicere feci. (1)

(1) *Sant.* I 14.

Isto nos leva a tratar, embora ligeiramente, do realismo nas sátiras do Pérsio; em primeiro lugar deve notar-se que, diante de meia dúzia de hexâmetros que nos pintam um velho avaro comendo com parcimónia a sua cebola ou um adolescente que se recusa a estudar, é difícil estabelecer se se trata de figuras observadas na realidade ou colhidas nos livros; existiam o velho e a cebola: vêm-nos dois poetas e descrevem-nos; ¿qual dêles copiou o outro?

É inegável que nas sátiras de Pérsio existem pequenas descrições realistas, mas de facto o realismo, no significado de prisão àquilo que apercebemos com os sentidos, não constitui característica dos sátiras que estamos estudando; exactamente porque desejava sobretudo lidar com idéas, como vimos atrás, o poeta pouco se interessa pelas coisas e pelas pessoas; se Horácio nos diz que Rex e Pérsio discutiram e nos reproduz o debate, que Damasipo se tornou estoico e Cácio sabe gastronomia — Pérsio prefere pensar ou fazer pensar nas características da literatura que ataca na Sátira I, nas qualidades que deve ter o bom chefe de Estado, no bom ou mau uso que os homens fazem da sua vida. A Horácio interessa, como mais fecunda em caricatura, a *maneira de ser*, a Pérsio, como mais consentânea com as suas preocupações de filósofo estoico, a *razão de ser*.

Mais, porém, do que filósofo estoico, Pérsio é

um poeta estoico e, como tal, digno de atenção. Efectivamente, ao passo que, por exemplo, para os cínicos, que também cultivaram a poesia moral, é fácil estabelecer a existência dessa poesia e estudá-la, embora fragmentariamente — para os estoicos apenas possuímos alguns versos gregos, a hipótese duma poesia satírica em Roma, no tempo de Horácio, e o poema de Manílio ⁽¹⁾, além do livro de Pérsio.

Este tem, portanto, além do valor como poeta, o mérito de nos revelar o que os estoicos pensavam da literatura, da política, da religião dos contemporâneos e o ideal de expressão dêsse pensamento; com as sátiros de Pérsio possuímos a obra completa dum estoico e dum estoico que viveu no tempo em que os adeptos de Pérsio tiveram papel de destaque. Vejamos, primeiramente, se podemos considerar Pérsio um estoico puro,

* * *

Na sociedade que Pérsio freqüentava o estoicismo tornara-se como que uma religião ⁽²⁾ com fervorosos adeptos, prontos a dar a vida pelas suas idéas e não fugindo das ocasiões de martírio. As almas que a corrupção geral não atingisse encon-

(1) Villeneuve, *Essai*, p. 143 e 147 seg.

(2) Villeneuve, *Essai*, p. 32.

travam no estoicismo uma regra de procedimento moral que os habilitava a terem no meio da incerteza e do entrecchoque da sociedade um caminho seguro e direito por onde seguirem. O estoicismo prático tem então talvez a sua mais bela época; no principado de Caligula ou de Nero, entre o terror geral, na abjecção a que o medo do imperador conduzia tantos outros, os estoicos morriam como herois, abrindo serenamente as veias, sem uma transigência e sem uma súplica.

Na família de Pêrsio o estoicismo era tradicional; o poeta era ainda parente de Arria, mulher de Cecina Peto, que tomara parte na revolta de Escriboniano, legado da Dalmácia; o heroísmo de Arria era celebrado como exemplar em todo o mundo romano: (1) ao ver-se perdido, Cecina Peto resolveu suicidar-se e para o encorajar na morte, Arria cravou o punhal no peito; em seguida, dando-lho, disse: «Não doi...».

É o biógrafo anónimo de Pêrsio escreve que o poeta compusera, ainda muito moço, alguns versos que celebravam o acontecimento: *scripserat in pueritia... in Arriam matrem uersus* (2). Arria ficara como exemplo e honra da família e quando, mais tarde, Peto Trásea se suicidou também, a

(1) Plínio, *Epist.* III, 16.

(2) *Vita*, 8.

outra Arria, filha da primeira, não hesitou em seguir o marido na morte.

E' licito conjecturar que, se as outras mulheres da familia de Pérsio não tiveram occasião de se mostrar estoicas, o seu espirito estava cheio das máximas do Dórfico — e, portanto, desde muito novo o poeta foi educado dentro das regras da mais severa moral. A sua influéncia constante foi modelando a alma de Pérsio, moço de natureza dócil, *morum lenissimorum*, trazendo-o ao contacto e conhecimento dos estoicos contemporâneos.

Mas, além do exemplo que em sua própria casa encontrava, Pérsio tinha também a levá-lo para a filosofia estoica o conselho de Peso Trásea, o homem cuja acção todo o império romano seguia atentamente e a quem Nero, incomodado pela sua attitude chamava o pedagogo. (1) Embora não fizesse ao imperador uma opposição impertinente e não procurasse a occasião de se sacrificar, como muitos outros estoicos, o seu valor moral, a sua attitude de reserva em face dos actos dos principes, acabaram por levá-lo ao suicídio.

Por outro lado a educação de Pérsio concorria também a fazer dêle um entusiasta adepto do estoicismo.

Estudou a gramática com Rêmio Dalémone, a retórica com Verginio Flavo; e, se o primeiro, se-

(1) — Suet. Nero, 37.

gundo parece ⁽¹⁾, era de moral pouco elevada, mesmo no conceito dum Tibério e dum Cláudio, e escolhido apenas pelo seu saber e pela sua habilidade no comentário dos poetas. Vergínio Flavo viu-se envolvido na conjura de Pisão e foi desterrado com Musônio Rufo; a junção que Tácito ⁽²⁾ fez dos nomes pode levar a supôr que Vergínio Flavo era também um estoico.

Mas quem verdadeiramente se pode considerar o educador de Pérsio, aquele que se não preocupou sómente em lhe dar as regras da gramática e os preceitos de retórica, o que curou de mais alguma coisa do que o comentário de poetas e de suasórias ou controvérsias — foi Cornuto, a quem o poeta dedicou uma das suas sátiras.

Cornuto, gramático e filósofo, era um estoico severo, duro, sem a tolerância e a maleabilidade de Peto Trásea; para êste, criticar demasiado os vícios presupunha desamor dos homens ⁽³⁾; para Cornuto, levar a crítica ao máximo, pôr a nú tôda a baixeza moral do mundo, era o dever do estoico; não era permitido recuar diante de nenhuma consideração, de falta de delicadeza ou de terror; a verdade dizia-se sempre, ainda que com sacrificio próprio; como não podia deixar de suceder. Cornuto envolveu-se em conflito com Nero e foi exilado de Roma.

⁽¹⁾ — Suet. *Gram.* 23.

⁽²⁾ — *Anais*, XV, 71.

⁽³⁾ — Plínio, *Epist.* VIII, 22.

Foi êste o mestre e amigo de Pérsio; o discípulo teve sempre por Cornuto um affecto e uma admiração que o levaram a considerá-lo como verdadeiro educador da juventude. Quando Pérsio estava hesitante sôbre o caminho a seguir na vida e dum lado o atraíam os prazeres, do outro o chamava o estudo da filosofia — Cornuto recebeu-o *socratico sinu* ⁽¹⁾ e ensinou-lhe as grandes regras de moral do estoicismo; juntos, durante muitas horas, manuseavam os inúmeros volumes de Crisipo e se alimentavam *fruge Cleanthea* ⁽²⁾, juntos cortavam as horas de trabalho com sôbrias refeições. ⁽³⁾

Cornuto é para Pérsio o tipo puro de estoico, aquele que desejaria imitar e que exalta com tôda a sua juvenil sinceridade; é êle que sabe endireitar, *extendere*, os costumes que se desviam da linha recta a seguir na vida com a régua segura da filosofia; é êle que conhece perfeitamente o que é falso e o que é verdadeiro num homem e o que, pelo seu ensino, lhe pode indicar o ramo do Y simbólico que é necessário percorrer.

Tão idênticos são a natureza e o pensamento de Pérsio e de Cornuto que o poeta escreve que nasceram sob os mesmos signos e um deus lhes

⁽¹⁾ — *Sat.* V, 37.

⁽²⁾ — *Sat.* V, 64.

⁽³⁾ — *Sat.* V, 41-42.

talhou destinos iguais ⁽¹⁾ Sente-se através dos versos da Sátira V que Pérsio lhe votava uma ardente amizade e tinha por ideal na vida imitar o seu mestre,

Cornuto era, pois, para Pérsio qualquer coisa como um director espiritual que lhe ensinava, conforme o fim último da moral estoica, a alcançar a felicidade — a fugir dos males internos e externos de que a vida está cheia ⁽²⁾. No tempo da liberdade política, das lutas no Forum, a defesa para a vida estava na oratória; agora, que tôdas as condições tinham mudado, só o conhecimento da moral podia tornar o homem feliz e estimado de si mesmo; á fórmula de Catão, *bonus uir dicendi peritus*, com que se caracterizava o orador e, portanto, no tempo da república, o cidadão perfeito, podia-se substituir a de *bonus uir philosophandi peritus*: só êle se salvaria no naufrágio moral do mundo.

Tôda a educação de Pérsio o levava, portanto, a ser um estoico, e um estoico puro, dos que não transigiam e estavam sempre em conflito aberto com a sociedade. Muito moço ainda, com todo o entusiasmo dos neófitos, Pérsio punha na defesa do estoicismo e no combate dos vícios de Roma, uma minuciosidade e uma veemência que não permitem falar do poeta como dum simples glosador.

(1) — Bréhier, *Chrysippe*, p. 215 seg.

(2) — *Sat.* V, 43 seg.

Assim, não deveria ter Pérsio grande amizade pelos que se diziam estoicos e na sua vida pública e particular contrariavam os princípios do Pórtico; dêste modo se explica que não tenham sido grandes as suas relações com Séneca e que a poesia de Lucano não tenha conquistado a sua admiração. Séneca fazia demasiadas concessões ao imperador e ao gôsto literário reinante para que a sua atitude fôsse bem aceite do grupo de estoicos de que Pérsio fazia parte; Lucano usava nos seus versos um estilo empolado, cheio de grandes palavras e de períodos sonoros, bem balanceado de anlíteses e realçado de metáforas — o estilo que era a perfeita opposição ao gôsto estoico.

E êste estilo estoico, o estilo a que poderíamos chamar «oposicionista», é o que nos aparece nas sátiras de Pérsio; nada de arrebiques de linguagem como nada de enfeites no vestuário de filósofo; assim como êste se não preocupa em arranjar sábiamente o *umbo* da toga, dispondo as pregas com elegância e graça — assim as palavras deviam ser sóbrias e o período severo, com certo ar de descuido.

Cai-se por vezes na affectação de *secura* e o que o pensamento do autor queria ser sóbrio tornou-se para o leitor obscuro, de quando em quando pouco menos do que impenetrável; mas havia entre esta maneira de escrever e o modo como na vida os estoicos se comportavam uma correlação per-

feita: ao invulgar do procedimento corresponde o invulgar do estilo.

O estoico, na vida de Roma, era alguma coisa de rígido, de anguloso, no meio da moleza geral como que um pedaço de gelo que desce a corrente de rio e se não liga á água nem á terra; a forma de se exprimir igualmente brusca, sem ligações, sem transições de assunto para assunto.

Do estilo estoico fica uma impressão de ascetismo, de severidade e de tristeza - a impressão que nos seus contemporâneos deixariam um Peto Trásea ou um Cornuto, marchando silenciosos pelas ruas de Roma. Adivinha-se que para escrever uma sátira Pérsio tinha, não o abandono epicurista dum Horácio, mas a energia, a tensão espiritual que empregava para cumprir fielmente as máximas de Zénone e dos seus discípulos e atingir a suprema felicidade do sages.

Representando também Pérsio o pensamento e as tendências estoicas, não admira que as suas sátiras tivessem alcançado um grande êxito e que Quintiliano lhe reconheça a glória merecida *quamvis uno libro* ⁽¹⁾; não será, decerto, necessário, para a explicar, recorrer ás razões de parentesco alegadas por um pouco benevolente crítico de Pérsio. ⁽²⁾

Os estoicos tinham interêsse em conhecer

(1) — *Inst. Orat.* X, 1, 94.

(2) — Nisard, *Etudes*, I, p. 250.

obra de um dos seus, perfeita sob o ponto de vista doutrinário e perfeita também como expressão. Os adversários dos estoicos teriam no livro de Pérsio elementos para conhecerem o que a seita pensava sôbre determinado assunto; era um manual e um resumo de idéas estoicas aplicadas. Posteriormente, St.^o Agostinho transcreveu com palavras de admiração, alguns versos das sátiras que, para êle, resumiam todo o estoicismo. (1)

Será também para nós interessante estudar no livro de Pérsio qual a atitude estoica deante das grandes características da sua época. Nós sabemos já o que Pérsio levava para a observação da vida na Roma do seu tempo: os preceitos estoicos; se, sem opiniões preconcebidas, e socorrendo-nos dos contemporâneos que trataram os mesmos assuntos analizarmos as suas sátiras e, sem nos prendermos com minúcias e falíveis explicações e comentários, olharmos apenas as linhas gerais do quadro — poderemos, com bastante aproximação da verdade, conhecer o que de facto foi a vida em Roma, por êstes anos, em certo número de actividades; conhecemos o reagente e o resultado da reacção: tentemos caracterizar o corpo sôbre que ela se exerceu.

Dentre os assuntos tratados por Pérsio escolheremos três — a política, a literatura, a religião; vejamos o que delas pensava o poeta.

(1) — *Cid. de Deus*, II, 12.





Libértate opus est ⁽¹⁾ — escreve Pérsio; e as suas palavras podem tomar-se como representando a opinião política de todos os estoicos; era necessária a liberdade, o despotismo que exerciam os príncipes desde Tibério era perfeitamente insupportável para os romanos que queriam respeitados os direitos dos homens, para os honestos e virtuosos que viam sentar-se no trono imperadores hipócritas e friamente crueis como Tibério, doidos como Calígula, imbecis e abúlicos como Cláudio, matricidas como Nero.

Desejava-se a liberdade, embora se conservasse o principado; todos tinham comprehendido que era esta a forma de govêrno que convinha a Roma e que dava mais garantias de boa administração do império; a república tinha terminado na maior corrupção — generais indisciplinados que não obedeciam ás ordens do Senado, rivais que lutavam, por todos os meios ao seu alcance, pelo poder supremo.

(1) — *Sát.* V, 73.

o sangue que corria a jorros pelo Forum em dias de eleição, os assassinios e as proscricções; as provincias queixavam-se dos governadores cujo único propósito era enriquecer á custa das maiores espoliações; e os tribunais em Roma, comprados pelo ouro do governador, ora protelavam indefinidamente a questão, fazendo cansar e desistir os legados das provincias, ora condenavam o acusado a uma pena mínima que de nenhum modo satisfazia os reclamantes.

A guerra civil assolava tôda a Italia, não havia um momento de tranquillidade; os espiritos mais honestos hesitavam entre os diversos partidos: nos chefes dumas e outras facções descobriam defeitos e vícios e quâsi só a ambição do mando. As finanças estavam arruinadas, as freqüentes anulações de dividas tinham quebrado a confiança dos ricos. Perdia-se pouco e pouco a religião dos antepassados, a moral antiga desaparecia com ela.

Com Augusto, habilidoso e político, sabendo bem calcular o efeito das suas medidas e a oportunidade de os pôr em prática, escolhendo destramente os seus auxiliares, a Itália e todo o império tinham conhecido a paz; a quietação sucedia aos perturbados anos do fim da república, Roma passava do tijolo ao mármore, as provincias senatoriais e imperatórias ⁽¹⁾, umas e outras fiscalizadas

(1) *Constitutiones*, p. 262.

pelo impéador, pela extensão do poder proconsular, já se não tinham de queixar de governadores rapaces. E nenhum protesto se elevava contra a nova fórmula constitucional.

As recordações da república ficavam nas escolas de retórica, para tema de exercicios escolares; o *insanus magister* ⁽¹⁾ relembra as grandes palavras de Catão moribundo, o civismo de Bruto, a morte heroica de Cícero; mas, não havia revolta contra o império, nem as suasórias e controvérsias se podem tomar como expressão de descontentamento. É natural que os rétores fôssem buscar para temas de oratória episódios duma época em que a sua arte se não confinava nas salas da escola, mas saía a expandir-se nas grandes lutas políticas e judiciais de Roma. A república tornava-se um logar comum.

Mas já com Tibério a opposição se torna importante em Roma e os imperadores encetam a luta que só terminará com Vespasiano, Tito e os Antoninos; o número de descontentes torna-se de dia para dia mais elevado e os imperadores nunca os conseguirão dominar; como mais tarde acontece com o cristianismo, as perseguições, as arbitrariedades, as crueldades de tóda a espécie apenas serviam para aumentar os opposicionistas, porque esta opposição tem sobretudo um caracter moral; na opposi-

(1) — *Sat.* III, 46.

ção romana pode dizer-se que não existe a política

Não há, efectivamente, a luta entre duas concepções de govêrno, entre republicanos e o que, por não ser exacto o termo de monárquicos, poderíamos chamar 'principalistas'; pode dizer-se que não há então em Roma quem pretenda ver restaurada a república; os tempos tinham mudado e exigiam novos processos; o exército, as provincias, o povo estavam satisfeitos com o império: só algum idealista, absolutamente desprendido da realidade, poderia pensar numa restauração; em tôdas as conspirações que houve na Roma imperial 'les plus résolus souhaitaient avec ardeur d'être délivrés de l'empereur qui régnait, mais en général leur pensée n'allait pas plus loin' (1).

Só o imperador era odioso aos que faziam opposição; pode parecer estranho que nunca tivessem associado as possibilidades que tinha o príncipe de ser mau com os latíssimos poderes que a constituição imperial lhe concedia; essa estranheza desaparecerá, porém, se forem lembrados os nomes de Tito ou de Trajano que se regiam pelas mesmas leis que tinham permitido as loucuras de Nero.

Para os estoicos, sobretudo, para êsses homens que se tinham imposto uma tão severa moral, o imperador aparecia como um monstro indigno do

(1) Boissier. *L'opposition*, p. 104.

gênero humano, merecedor da invectiva e do desprezo; nenhuma consideração lhe devia ser dada, nenhuma homenagem lhe deviam prestar — pelo contrário, deveriam empregar todos os esforços para entravar e contrariar a sua acção.

Era, no entanto, extremamente perigoso fazê-lo abertamente; os delatores andavam em busca da sua presa e uma vez encontrada não a largavam facilmente; isso representava a morte, o exílio da família e amigos, a confiscação de bens. O ataque fazia-se, portanto, encobertamente, sobretudo pelas alusões em obras literárias.

Essas alusões eram de duas espécies; ou se iam buscar as obras antigas e se adaptavam as frases a situações actuais, ou se descobria nas obras contemporâneas o que pudesse aplicar-se aos actos do imperador; disfarçadas em tragédias, como as de Séneca, em poemas, como a *Farsália*, liam-se e publicavam-se obras de combate, verdadeiros panfletos de opposição.

Tem-se discutido muito entre os comentadores a questão das alusões a Nero nas sátiras de Pérsio, procurando-se com subtileza de interpretação mostrar quais as passagens em que o poeta ataca o imperador. Que elas existem nas sátiras é inegável: a *Vita*, no último parágrafo, fala claramente de ataques a Nero *ut etiam Neronem principem illius temporis inculpaverit* e cita mesmo o verso em que o ataque se tinha tomado mais evidente:

Cuins versus in Neronem cum ita se haberet: auricularum asini Mida rex habet ... O último parágrafo de *Vita Persii* é, segundo parece mais provável, dum gramático que viveu posteriormente ao primeiro redactor da biografia; mas concorda tam bém com o escólio ao verso 121 da Sátira I que devemos admitir que êsse gramático de baixa época trabalhou sôbre elementos anteriores e não usou apenas da sua imaginação. Além disso, em algumas outras passagens da Sátira I, aparecem escólios que explicam os logares a que se referem como ataques a Nero.

Por outro lado, quâsi todos os críticos modernos, ao falarem da Sátira IV, estão de acôrdo em reconhecerem na figura de Alcibiades o retrato de Nero; e alguns há que na Sátira II vêem um diálogo entre Nero, indolente e amigo dos prazeres, e Séneca que o tenta submeter aos preceitos da filosofia e inculcar-lhe o gôsto do trabalho.

Podemos não aceitar em bloco as interpretações propostas pelos comentadores, discordar da maneira de explicar um ou outro verso; não aceitar em principio a existência de alusões é desconhecer que houve em Roma uma literatura de ataques encobertos que partiram da opposição e que Pérsio frequentou o meio que se manifestava contrário ao imperador.

Simplemente parece que é inútil tentar sôbre um verso a construção de hipóteses logo contradi-

tados; por vezes as razões são nulas dum e doutro lado e melhor é confessar que nada de seguro se pode decidir do que entregarmo-nos a jogos aventurosos de imaginação.

Não importa saber se *aurículas asini* se aplica ou não a Nero, por ter o imperador as orelhas grandes ou pequenas; Pérsio, filósofo estoico, a quem importava sobretudo a questão moral e as regras de bem proceder, a cada momento infringidas por Nero, seria bem inferior a si próprio se atacasse o príncipe nos seus defeitos físicos. O que interessa é saber-se que os preceitos gerais que Pérsio expõe nas suas sátiras eram contrários á maneira como se comportava o imperador e que, portanto, juntamente com todos os outros viciosos visados pelo poeta, estavam Nero ou Calígula; quanto ao ataque directo há na obra de Pérsio passagens que o mostram bem claro.

Assim, é sabido que Pérsio atacou nas suas sátiras o centurião brutal, *hircosus, uaricosus*; o centurião desprezado por Pérsio não é apenas o soldado que vive sem preocupações de regras de moral e dos preceitos do Pórtico e se ri dos filósofos que caminham absortos, pensando no *ex nihilo nihil*. Seria inverosimil que Pérsio exigisse dos soldados que se batiam, nas florestas pantanosas da Germânia ou nas planícies de Africa, conhecimentos das doutrinas de Zênone e das leis de Crisipo; mais inadmissivel ainda que, por isso,

os tratasse de *hircosi* e *uaricosi*, o que era neles natural, e insultasse os que, nos extremos limites do império, procuravam deter os bárbaros; Pérsio devia compreender o que isso valia para a segurança do império e para que dentro dêle se pudesse, tranquilamente, continuar a ler os bons livros de filosofia.

Pérsio não atacou os soldados duma maneira geral; interessam-lhe os soldados de Roma e, dentre êles, sobretudo, os centuriões, pela brutalidade que lhes era característica e tanta vez causava a revolta das legiões. O soldado de guarnição em Roma devia ser particularmente odiado pela oposição; não só era o sustentáculo do império, essencialmente militarista, como o portador das ordens de morte enviadas pelo príncipe; o soldado assistia ao suicídio do que decaíra das boas graças do imperador, assassinava-o mesmo algumas vezes; a sua presença era, pois, temida e repugnante para todos os que estavam na oposição e o sabiam cumprir fiel e brutal dos mandados do príncipe. Pérsio atacou-o como emissário do imperador despótico, como homem pronto a aceitar tôdas as missões por mais baixas que fôsem; e por êle, que nada mais fazia de que obedecer, o poeta atinge os príncipes a quem não repugnava servir-se de tal gente.

Mais claramente o faz nas passagens em que fala de tiranos, sobretudo nos célebres versos da Sátira III:

35 — *Magne pater diuum, saeuos punire tyrannos
Haud alia ratione uelis*

.....
38 — *Virtutem uideant, intabescantque zelicta*.....

Os imperadores, que tinham todos conhecimentos filosóficos, sobretudo Nero, de quem Séneca tinha sido preceptor, conheciam a virtude (*uidere* no sentido de conhecer), mas não a seguiam; e Pérsio pede a Júpiter que os castigue fazendo-os sofrer por terem deixado de cumprir os ditames morais que lhes tinham sido ensinados.

Sabemos, é certo, que, nas escolas de retórica, o tirano era, como os piratas e as virgens roubadas, personagem obrigatória das declamações e que desde muito cedo os rapazes se exercitavam em atacar os tiranos sem que os imperadores tomassem quaisquer medidas repressivas. Mas não devemos supôr que as passagens de Pérsio sejam apenas a reminiscência dos seus exercícios com Virgínia Flavo; Pérsio parece ter guardado da sua aprendizagem retórica pouco gratas recordações; em comparação com os períodos cheios de verdade e de grandes ensinamentos que lia nos filósofos, a retórica, apenas preocupada com o andamento da frase e com a exacta disposição das cláusulas, devia parecer-lhe um entretenimento, uma preocupação de loucos e de fúteis; é o que revela quando, ao falar da declamação que tinha por tema as palavras de Catão moribundo, trata o mestre de *non*

sanus. Os versos de Pérsio não são, pois, apenas uma nova glosa dum velho tema, mas um ataque aos tiranos de Roma, aos imperadores despóticos, ataque pautado não pelas regras de escola, mas em que se sente tôda a revolta duma consciência honesta e duma alma nobre.

Também a Sátira IV, que contém preceitos políticos, ataca os imperadores, naquilo em que se afastavam do que Pérsio sustentava ser a bôa política, a única autorizada pela moral; a censura, que Sócrates faz no seu discurso a Alcibiades, applica-se exactamente a principes que só obedeciam ao seu capricho, sem terem para se guiar um alto critério moral.

Não é necessário discutir-se se na figura de Alcibiades foi ou não retratado Nero e se Sócrates é Sêneca: é muito provável que Alcibiades e Sócrates apenas estejam aí como reminiscências do diálogo platónico; quanto a Sócrates tal suposição é quasi certo porque Pérsio não iria representar o filósofo cheio de transigências com o seu tempo na figura do *barbatus magister* ⁽¹⁾ em que transforma o Atenense; Sócrates é nesta sátira como que a personificação da filosofia, Alcibiades não, talvez, um imperador determinado, mas todos aqueles que mal usavam do seu poder.

(1) *Sat.* IV, 1.

A idéa fundamental de Pérsio é a de que ninguém poderá governar com acêrto o povo que lhe foi confiado se não conhecer e seguir o bem, se não distinguir perfeitamente o justo do injusto e se não vir que não bastam as qualidades físicas para se ser bom chefe; é necessário que ao lado da *rerum prudentia* ⁽¹⁾, a experiência da vida, exista o *ingenium* ⁽²⁾, as qualidades naturais desenvolvidas pela educação; o *sum candidus* não chega.

Ora estas qualidades de virtude, de experiência, de talento faltavam por completo nos imperadores que Pérsio conheceu durante a sua vida; apresentá-las como indispensáveis era naturalmente censurar a sua falta naqueles que governavam Roma, era, portanto, servir os interesses da opposição.

Vamos ver como esta aparece uma vez mais na crítica que Pérsio fez á literatura do seu tempo.

* * *

No já citado último parágrafo da *Vita Persii* se diz que o poeta tam rudemente atacára os insignificantes literatos do seu tempo que não duvidara dirigir a sua sátira mesmo contra Nero; nos escólios aos versos 93 e 99, Sat. I, aparecem sôbre os exemplos

⁽¹⁾ — Sat. IV, 4.

⁽²⁾ — Sat. IV, 4.

que Pérsio dá da poesia então em moda três opiniões diferentes (1): Pérsio teria copiado os versos dum poeta helenizante, do próprio Nero, ou não seriam mais do que uma caricatura da produção poética do tempo. Não se poderá, pois, concluir com segurança que de facto os versos sejam do imperador; mas com tôda a certeza se trata duma poesia que lhe não era antipática e que se acordava com a sua maneira.

As características dos versos que nos aparecem na sátira de Pérsio e as daqueles que nos chegaram compostos por Nero são muito semelhantes; há a mesma abundância de espondeus, disposição idêntica das cesuras, colocação do adjectivo no hemistiquio e do substantivo no final do verso, efeitos de simetria, abuso dos nomes gregos.

O príncipe compunha, portanto, os seus versos segundo as regras da poética alexandrina; atacá-la, como faz Pérsio, era atacar o imperador, exactamente num dos pontos em que mais se manifestava a sua vaidade.

No entanto, parece que nesta sátira o intento principal de Pérsio não foi satirizar Nero, mas dar-nos um quadro da literatura da sua época; e realizou-o muito mais completo do que aquele que traçaram, por exemplo, Petrónio e Tácito.

(1) Villeneuve, *Essai*, p. 221.

Ao passo que o primeiro, no início do fragmento que possuímos do *Satírico* e o segundo no *Diálogo dos Oradores*, se interessam sobretudo pela eloquência, apontando as suas características e dizendo quais as causas de tam grande decadência e tam profundo mau-gosto — Pérsio estende a sua crítica também à poesia e, embora muito levemente, à prosa.

A educação de Pérsio e as próprias tendências do seu espirito, pouco disposto à simpatia por tudo o que fazia as delicias dos seus contemporâneos, tinham feito dêle um admirador dos clássicos; a *turbida Roma* ⁽¹⁾ delirava com as habilidades métricas e de estilo dos alexandrinistas, com as finuras, a mole música do verso, os conceitos preciosos. Pérsio tinha a predilecção dos grandes escritores do tempo passado, sem que, todavia, ao contrário do que muitos pretendem, se tivesse limitado a fazer dêles imitações sem mérito; as listas de passagens imitadas feita por Wagenningen ⁽²⁾ não têm valor algum, pelo que nelas entra de subjectivo e de desconhecimento das condições de criação artistica.

E' sufficiente estabelecer pela própria confissão do poeta que as suas simpatias iam para Lucílio ⁽³⁾.

(1) *Sat.* I, 5.

(2) Villeneuve, *Essai*, p. 227.

(3) *Sat.* I, 114.

para Horácio (1), para Vergílio (2), pelo testemunho de Marcial (3) que o poeta se colocou entre aqueles que defendiam, contra o alexandrinismo contemporâneo, a grande literatura do século de Augusto.

Desde que Pérsio, docilmente, com os *lenissimi mores* de que fala a biografia anônima, seguiu os ensinamentos de Palémone e Cornuto e com eles aprendeu a amar os clássicos latinos e os bons poetas gregos, devia naturalmente achar-se em conflito com a literatura do seu tempo.

Trabalhada a língua e a métrica pelos poetas pre-clássicos e clássicos, as gerações posteriores a Augusto tinham ao seu dispôr um instrumento admirável que lhes modelava com facilidade tôdas as idéas e lhes tornava possíveis todos os virtuosismos de técnica. A mania literaria tomava posse de todos os espíritos, todos pretendiam conquistar glória pelas letras e se dedicavam, sobretudo, à composição de versos. *Scribimus inclusi numeros ille, hic pede liber* (4) e o *scribimus* tem por sujeito não *hic e ille*, mas todos os que em Roma tinham um momento vago para o dedicarem à literatura.

Como não havia aqui a obediência a um instinto artístico, mas sim a pretensão de satisfazer

(1) *Sat.* I, 116.

(2) *Sat.* I, 96.

(3) *Epig.* IV, 29,7.

(4) *Sat.* I, 13.

vaidades, de sobressair entre os contemporâneos, os poetas faziam todo o possível para que a sua poesia fôsse a mais refinadamente elegante, a mais engenhosa, a de mais apurada fôrma. O assunto pouco interessava; qualquer logar comum servia de ponto de partida, os temas eram freqüentemente repetidos; só era apreciada a maneira de os tratar, de os desenvolver pelos hexâmetros sâbios, de os revestir dos ornamentos alexandrinos.

Desde que o poeta conseguisse ser suficientemente habilidoso na disposição dos ritmos, na colocação das palavras e na aplicação de conceitos alambicados — estava-lhe assegurado o aplauso público; na leitura que fizesse dos seus versos veria os grandes Titos agitarem-se de prazer ao ouvirem como da garganta amaciada pelo gargarejo, *liquido plasmate* ⁽¹⁾, saíam as harmonias admiráveis, os sonoros nomes gregos, a marcação das cesuras dispostas com arte.

Nos banquetes tôdas as elegias lamentosas, *plorabile quid* ⁽²⁾, tôdas as composições que tratavam das Filis e Hipsípilis e eram recitadas com affectação, obtinham o aplauso frenético dos convivas *saturi*, dos convivas que o Falerno e os pratos raros dispunham à crítica literária; os *euge* e os *belle* ⁽³⁾, as expressões que nada diziam, no

(1) *Sat.* I, 17.

(2) *Sat.* I, 34.

(3) *Sat.* I, 75 e 87.

que eram dignos da literatura que os provocava, distribuíam-se pròdigamente e qualquer poetastro era olhado com mais simpatia do que os grandes poetas que não tinham sacrificado ao gôsto do fútil e do bonito.

Mas, a par dos versos que bordavam os temas alexandrinos, outros havia que tratavam os velhos assuntos romanos, a sobriedade primitiva, o valôr do camponês pronto a defender a sua pátria, as festas agrícolas, *fumosa Palilia* (1), — e Pérsio atacá-os também. Pode, à primeira vista, parecer estranho que o poeta, que até agora atacava a poesia contemporânea de assunto alexandrino, acusando-a de demasiado efeminada e própria de eunucos, lance também os seus versos satíricos contra os que iam inspirar-se nas antigas tradições de Roma; Pérsio, que tinha em Atilio Régulo, em Cincinato, em todos os velhos romanos, modelos de virtude, devia estimar que aparecessem os louvores das suas acções na poesia do tempo.

Não o faz, porém, e a explicação é facil se atentarmos no modo como êsses assuntos eram tratados; o tema differia, a forma era a mesma, a mesma a preocupação das palavras harmoniosas e dos versos bem construídos; nas poesias ficavam, pois, em desacôrdo o fundo e a forma; dum lado a severidade dos homens dos primeiros tempos da

(1) *Saf. I, 72.*

república, do outro a moleza, a voluptuosidade dos súbditos de Nero; o gôsto de Pérsio, educado nos exemplos clássicos, revolta-se contra êste hibridismo, contra esta desarmonia íntima da composição.

Além disso os poetas arcaisantes iam buscar para darem relêvo às expressões e por uma espécie de pedantismo erudito palavras que só tinham sido empregadas pelos primeiros escritores da língua latina. Ora, por diferentes vezes, Pérsio mostra que, como sucedera a Lucílio e Horácio, não o atraíam os velhos poetas do período de formação, Ênio, Pacúvio, A'cio; sem aceitar o refinamento voluptuoso a que tinham chegado os seus contemporâneos, Pérsio, por outro lado, conhece quanto o latim do império está já distante do latim do século III ou II a. C., quanto os tempos e as indoles mudaram para que se continuem empregando as mesmas expressões de que se tinham servido os escritores arcaicos.

Da eloquência, de que nos falam com mais pormenores Tácito e Petrónio, Sêneca o Velho e Quintiliano, apenas Pérsio escreveu alguns breves versos. Apresenta um Pédio, talvez Pédio Bleso, pessoa pouco escrupulosa em questões de dinheiro ⁽¹⁾; accusam-no de ladrão — *fur es* ⁽²⁾ — e Pédio, sem cuidar da gravidade de acusaçãõ, en-

(1) Tac. *Anais*, XIV, 18.

(2) *Sát.* I, 85.

tretem-se com j3gos de ret3rica e as antfeses e met3foras d3o-lhe todos os recursos de que necessita, n3o para provar que de facto n3o rouba, o que seria impossfvel, mas para provar que 3 excelente orador; salva-se, no conceito p3blico e no tribunal, se tudo estiver conforme 3s b3as regras de ret3rica e, como diz P3rsio, «a mais severa unha lhe n3o puder encontrar defeito» (1).

Para as escolas que ent3o ensinavam os jovens romanos a declamar, a orat3ria cifrava-se na b3a disposi33o das palavras, na novidade das imagens e dos tropos, na acertada disposi33o de *cores*; nada mais as preocupava; os assuntos eram inverosimiveis ou repeliam-se com frequ3ncia, defendiam-se as mais estranhas causas: ret3rica e bom senso brigavam a cada momento, mas o aplauso do audit3rio ia para o mais habilidoso e o mais extraordin3rio,

E P3rsio apontou um dos assuntos que faziam a delicia da assist3ncia 3s li33es de ret3rica; Cat3o, moribundo em U'tica, faz em grandes e sonoras palavras o elogio da liberdade e invectiva C3sar; o jovem orador 3 prodfioso de eloqu3ncia — e o pai, tendo em sua volta um grupo de amigos que andou a arrebanhar, escuta-o atentamente, a suar de alegria e de cansa3o.

P3rsio, completando assim o seu quadro da li-

(1) *S3t.* I, 64-65.

teratura latina contemporânea, enfileira, pois, entre os que procuravam diagnosticar o mal e atalhar-lhe os efeitos; mas a sátira do poeta não fêz mais do que o *Satirico*, as *Instituições Oratórias*, o *Diálogo dos Oradores*, as *Suasórias* e *Controvérsias*; as escolas de retórica continuaram a glosar os mesmos temas, com as mesmas futilidades.

* * *

Vimos já como, na questão política e na questão literária, os estoicos tomavam o século de Augusto como o tempo ideal: o imperador é hábil, transigente, amigo das letras, não é um príncipe despótico e cruel como Calígula ou Nero; substitui a perturbação da república à paz do império e realiza o que é a aspiração política da oposição em Roma e em particular dos estoicos: *principatum atque libertatem*. A tranquilidade da Itália e a protecção inteligente do príncipe permite que floresçam poetas e prosadores que não têm a bárbara rudeza dum E'nio ou dum A'cio, mas, aproveitando a lingua trabalhada por Cicero e por Catulo, nela traduzem as idéas que melhor representam o génio latino; êsses serão para os estoicos o modelo de tôda a literatura que não pretender apenas a popularidade, a fama, cujo amor é indigno do sages ⁽¹⁾.

(1) Cleanto, in Arnim, *St. vet. frag.*, I, 122, n.º 559.

Em religião parece também que as idéas dos estoicos estavam de acôrdo com o espírito que animou a reforma de Augusto; Pérsio que tratou da religião na Sátira II diz-nos claramente o que dela se pensava entre os estoicos de Roma, seus amigos, e veremos como êles desejariam que um novo Augusto surgisse e pusesse em prática as suas reformas; mas se uma parte da religião, o exterior do culto, podia ser reformada, seria impossível a Augusto transformar o espírito dos seus subditos, impedindo-lhes a superstição ou o anseio de alma que se não satisfazia com a religião romana, demasiadamente formalista, e os levava à prática das religiões orientais.

A tendência para a volta á religião latina primitiva mostra-se logo no inicio da sátira de Pérsio; convida o seu amigo Macrino, a quem a composição é dirigida, a fazer libações ao seu gênio, celebrando o dia de aniversário natalicio; ora os gênios individuais ou familiares, o *genius* do *paterfamilias* e a *luno* da *materfamilias*, são deuses venerados com todo o respeito e tôda a confiança na antiga religião romana que a invasão do culto grego fez entrar na sombra ⁽¹⁾; os estoicos mais uma vez mostravam o seu respeito pelos cultos nacionais, pela tradição.

(1) Cfr. do autor *Sent. Hist. Civ. Clássicas*, p. 113 e bibliografia.

Ao mesmo tempo que se passava dos deuses antigos, dos velhos deuses romanos, dignos dos heróis da república, para os deuses introduzidos em Roma pelo contacto com outras religiões—perdiam-se por completo o pudor e o respeito á divindade e ousava-se-lhe solicitar o que ninguém diria em voz alta. A prece tornava-se *emax* ⁽¹⁾, mercantilista, as libações aos imortais faziam-se em silêncio, *tacita acerra* ⁽²⁾, para que o vizinho não não ouvisse os pedidos.

Ninguém se importava com pedir um espírito são, *bona mens*, a honradez, *fides*, a boa constituição física; o desejo de ser rico e de sobresair na sociedade transparecia em tôdas as preces feitas aos deuses: desejava-se que morressem depressa o pupilo cuja fortuna passaria ás mãos do impetrante, o tio que possuía tão grandes tesouros. . .

Quando a creança ainda estava no berço, a ama e os parentes não queriam dos deuses a concessão do que a tornaria um individuo de bom porte moral e verdadeiramente feliz, pela posse da virtude; apenas se queria que fôsse muito rico e tivesse a vida tôda enflorada de rosas e as filhas dos reis o disputassem entre si, enlouquecidas pela sua formosura. E, para isto, tinham o cuidado de se

(1) *Sat.* II, 3.

(2) *Sat.* II, 5.

purificar mergulhando a cabeça no Tibre, tôdas as manhãs duas ou três vezes ⁽¹⁾.

A superstição grosseira que levava a estas práticas e a conjurar o mau olhado desconhecia naturalmente o verdadeiro character dos deuses; emprestavam-se-lhes todos os vícios e paixões humanas, julgavam-se capazes de tôda a baixeza e prontos a atender todos os pedidos, por mais imorais, desde que o incenso fumegasse nos altares e as entranhas das vítimas fôsem apresentadas em sacrificio; ninguém repetiria ao tempo os versos anónimos que aparecem citados em Platão e em que o poeta deixa inteiramente ao cuidado dos deuses as concessões a fazer ⁽²⁾; pretende-se, por exemplo, o ouro e a formosura e esquece-se demasiado facilmente que um e outro podem trazer consigo a desgraça.

Supondo, pois, os deuses destituídos de tôda a preocupação moral, os homens vêem que podem praticar sôbre a terra todos os crimes e tôdas as baixezas, sem que um poder superior os castigue; imaginam que Júpiter se esquece das ofensas e das acções ímorais, apenas porque, numa tempestade, o mau não foi fulminado e, perto dêle, um azinheiro, *illex*, foi fendido pelo raio ⁽³⁾.

E a justiça divina, que, cedo ou tarde, se abaterá sôbre o culpado, não pôde ser retardada pelos

(1) *Sat.* II, 15-16.

(2) Platão, *Alc.* II, p. 143A.

(3) *Sat.* II, 24-25.

meios de que se servem os homens para aplacar os poderosos: a riqueza; é inútil, pois, dourar a face dos deuses e ter substituído por vasos preciosos os recipientes de argila que antigamente serviam nos templos; Pérsio preconiza a abolição do luxo no culto dos deuses, o que é mais do que um aspecto particular de luta contra o luxo que sustentavam os estoicos, porque marca uma concepção religiosa especial, a crença de que os deuses atendem mais à intenção do que ao valôr das ofertas e estão muito acima das paixões que agitam o homem; numa palavra, as acções dos deuses, libertadas do que a fantasia dos poetas e a imaginação popular tinham creado, estavam absolutamente de acôrdo com as regras da moral estoica.

Como Horácio, em obediência ao pensamento de Augusto que pretendia restaurar o culto nacional e os deuses romanos, satirizou os sacerdotes das religiões estrangeiras que então iam penetrando em Roma, do mesmo modo Pérsio atacou os adeptos dos cultos orientais, falando nas suas sátiras dos que se davam às práticas da religião judaica.

Nem um nem outro dos satíricos compreendia, porém, a razão que levava os romanos a venerarem os deuses estrangeiros, Isis ou Cibele, Mitra ou Jeová; tomavam o fenómeno como um caso particular de superstição ou uma consequência da falta de sólidos princípios de moral; não sou-

beram vêr o que havia de profundo na busca dos novos cultos.

A religião romana, muito formalista, sêca, com seu aspecto de contracto jurídico nas relações com os deuses, não dava às almas as emoções que procuravam e encontravam nas religiões estrangeiras.

A restauração que Augusto fizera do culto romano era, sobretudo, política e entrava como tal no quadro geral das reformas do imperador; contentando-se com a sua missão cívica não cuidava de saber as *causae rerum* de que falara Lucrécio e descontentava, assim, os que conheciam e amavam a filosofia grega; por outro lado, com o aspecto administrativo que tomou com os príncipes sucessores de Augusto, também não satisfazia os que pretendiam encontrar na religião alguma coisa de emotivo e sentimental.

Os cultos orientais, religiões de mistério, atraíam êsses espíritos pelas perspectivas que abriam duma vida mais ampla do que a vida da terra e dum além-túmulo bem diferente do que prometiam as incertas e pouco consoladoras crenças romanas.

Ao passo que a religião romana tinha um caracter partícular, nacional, era a religião do povo que pela sua vontade; pelo sóbrio viver, pelo patriotismo, passára da cidade ao império, e, pela abundância e domínio da fórmula, era própria de quem fundára e organizára o direito — as religiões

estrangeiras eram essencialmente universalistas e isso explica cabalmente o êxito que obtiveram.

O romano, no início da sua carreira, povo particularista, nacionalista, procurava elevar a sua cidade e dominar os povos vizinhos; já, no entanto, mostrava tendências para o universal, acolhendo os deuses das cidades vencidas e tratando com tolerância as regiões conquistadas; desde que se tornou senhor do império e êste começou formando um corpo único, solidamente ligado a Roma, o particularismo e o culto religioso que o exprimia não tinham mais razão de ser; a tendência universalista desenvolve-se de dia para dia e procura uma nova fórmula religiosa que a satisfaça. Augusto, restaurando a religião romana, desconheceu essa evolução e a sua reforma não durou afinal mais de que o seu principado, nunca tendo mesmo talvez obtido senão adesões aparentes.

Pérsio, para quem os preceitos estoicos são a panacea de todos os males — o despotismo político, o preciosismo literário, a superstição e a imoralidade religiosas — desconhece também a transformação que se deu em todos os aspectos do povo romano e fâcilmente atribui a afronia o que nada mais era do que o resultado dum processo histórico.

* * *

A anàlise feita às sátiras de Pérsio podia es



tender-se a outros aspectos da sociedade por êle focados. Os que tocamos bastam, porém, para se ver qual o interêsse que as sátiras podem ter para quem pretenda estudar a sociedade romana do império e o que das suas maneiras e dos seus hábitos pensavam os estoicos.
